



O número de alunos das invasões matriculados na escola aumentou 50% desde o começo do ano

No meio do trânsito, as carroças são alvo fácil

Alunos carentes que estudam no centro de ensino 1 e moram em invasões não têm acesso aos ônibus escolares

As carroças chegam quase sempre lotadas. Caronas são comuns. Além dos filhos, pais e mães levam a meninada dos vizinhos. O carroceiro João Neto Rodrigues dos Santos, 27 anos, baiano de Remanso, é um desses vizinhos camaradas das invasões. Às 13h05 de ontem, carregava seis crianças no caixotinho de madeirite puxado pelo pangaré. "Não tem perigo, não", garante ele. "Perigoso é vir só, pelo meio do mato."

Mas nem todos os pais concordam. O cearense Expedito Agostinho da Silva, 61 anos, não sabe dirigir e muito menos ler e escrever. Mas diz ter certeza de que os filhos estariam mais seguros se fossem para a escola dentro de um carro. Nas carroças, não há cinto de segurança. As crianças vão mal acomodadas, sentadas ou em pé. No meio do trânsito, de carros velozes, as

carroças não andam a mais de 20 km/h e são alvo fácil.

"Preferiria que tivesse um ônibus para as crianças. É muito *riscoso* (arriscado) vir de carroça", conta a mãe de Johnny. "Minha carroça quase já foi atropelada três vezes. Esse trânsito de Brasília dá medo", continua a baiana Marli de Souza. Para outros pais, os ônibus escolares resolveriam outro problema: o dos constantes atrasos.

A adolescente Jeane Cléa da Silva, 13 anos, e o irmão mais velho, Derivan, de 14, desistiram até de esperar pelo pai, o carroceiro Expedito Agostinho. Meia hora antes da primeira aula começar, ela costuma estar na porta da escola. Pega carona com os carroceiros que conseguem sair mais cedo da invasão. "Dá vergonha de chegar atrasado. Os meninos ficam olhando a gente", diz a menina, aluna da turma de

aceleração da 3ª e 4ª séries.

Dos 970 alunos de 1º grau da escola da Vila Planalto, pelo menos 130 moram em invasões — próximas ao Iate Clube, AABB, Academia de Tênis e Setor de Clube Sul. Os estudantes carentes que não chegam de carroça, cortam caminho pelos cerrados a pé ou de bicicleta. O número de alunos das invasões matriculados na escola aumentou cerca de 50% desde o começo do ano, segundo a diretora Cleicy Albuquerque, em razão do programa da Secretaria de Educação: A Escola Bate a sua Porta.

A vice-diretora Valéria Panno da Costa e Silva diz que organizar transporte escolar para as crianças das invasões é complicado. "As famílias não têm endereço certo, mudam com frequência", explica. O problema de habitação também não é de fácil solução. A maior parte das famílias, que moram nos cerrados próximos ao Congresso Nacional, está a menos de cinco anos no DF — ou não consegue provar o tempo mínimo (de cinco anos) exigido pela política habitacional do governo. (R.A.)